



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

### *WHAT'S NORMAL FOR YOU?*

Elaine Sousa Freitas  
(UEG – Câmpus Inhumas)  
Kamila K. S. Monteiro  
(UEG – Câmpus Inhumas)  
Raquel Ribeiro dos Santos  
(UEG – Câmpus Inhumas)  
Tatiane Barreto  
(UEG – Câmpus Inhumas)  
Giuliana Castro Brossi  
(UEG – Câmpus Inhumas)

**RESUMO:** Esse trabalho visa relatar nossas experiências durante o período de Estágio Supervisionado de Língua Inglesa do curso de Letras-Português/Inglês, da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas, no primeiro semestre de 2015. Nossas ações foram concretizadas nas oficinas do contra turno, no Colégio Estadual de Tempo Integral Horácio Antônio de Paula, em turmas reagrupadas com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Nossas aulas foram elaboradas colaborativamente com base na perspectiva crítica de ensino de língua estrangeira, sob a proposta de letramento crítico de línguas. Trabalhamos com uma oficina temática, cujo assunto abordava o respeito com relação às diferenças sociais e individuais das pessoas, com esse propósito, lançamos o seguinte questionamento: *"What's normal for you?"* ; com o intuito de despertar a reflexão e a criticidade dos alunos perante temas polêmicos globais. Neste trabalho, relatamos nossas ações e nossas reflexões sobre cada ação e, de igual modo nosso crescimento acadêmico como discentes do curso de letras e futuros professores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perspectiva crítica de ensino de LE. Letramento crítico. Reflexão na ação.

### INTRODUÇÃO

Ao pensarmos o projeto que seria desenvolvido na instituição, levamos em conta temas de grande importância, englobando as “diferenças” dos modelos regularmente aceitos e adotados pela sociedade, os quais estão presentes no cotidiano dos alunos, com os quais, possivelmente, despertaríamos o senso crítico, são eles: *What's normal for you?; Family (traditional or modern)*. Levando em conta o mundo no qual vivemos, não é possível ignorar temas críticos, pois só será possível um futuro diferente com alunos pensantes no presente. Devido a isso, optamos por pensar um projeto centrado no desenvolvimento das quatro habilidades, no entanto nas oficinas enfocamos três delas – Produção Escrita, Produção Oral e



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Compreensão Oral. Nas oficinas, os alunos seriam capazes de expressar suas opiniões acerca de temas que têm causado polêmica no nosso cotidiano, ou seja, eles aprenderiam a língua inglesa sem deixar de lado seu posicionamento crítico. Fizemos isso seguindo o Modelo Interacionista.

De acordo com Miccoli.

Esse modelo destaca a premência da interação para desenvolver proficiência. Para professores, isso implica oferecer oportunidades de uso da língua em situações de comunicação significativas, pois se aprende mais facilmente o que faz sentido. Além disso, requer do professor recuo de seu lugar central e frontal em salas de aula. Exige dos alunos avanços, assumindo riscos e controle da aprendizagem. (MICCOLI, 2013, p.63)

Decidimos seguir esse modelo pelo fato de a interação ser umas das melhores formas de desenvolvimento, pois dessa forma os alunos mais experientes trocam saberes com aqueles que têm maior dificuldade.

As aulas ministradas funcionam como oficinas no turno vespertino por se tratar de uma escola de tempo integral. Participam dessas oficinas somente os alunos interessados. Ao entrarmos em sala de aula, pudemos ver o real interesse deles em aprender uma língua estrangeira. Todos sabemos a realidade da língua inglesa em escolas públicas, diante disso, uma postura crítico-reflexiva do professor de LI na escola pública é um aspecto essencial ao bom andamento das aulas.

Ao se deparar com esses entraves, é importante que o profissional da área de LI, vise um ensino crítico-reflexivo, utilizando ferramentas que colaboram com a construção do conhecimento, e juntamente com os alunos, se unem para transformar a sala de aula em um ambiente propício para a concretização do ensino-aprendizagem de LI. De acordo com Freire (1982, *apud* Urzêda-Freitas e Pessoa, 2012),

O conhecimento é construído colaborativamente na relação entre educador e educando e que ambos devem tomar consciência da situação em que vivem para que a Escola se torne um espaço de constante questionamento e, portanto, de transformação da realidade.

Com o intuito de promover a sala de aula a palco de “constante questionamento e de transformação da realidade”, o professor de LI lança mão de discussões de temas sob a perspectiva crítica, que culminam na desconstrução de conceitos estabelecidos socialmente, e



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

ressignificação de ideias e concepções. Diante dos entraves deparados em sala de aula, projetos como o PIBID, faz muita diferença na construção da visão crítica-reflexiva dos alunos. São inumeráveis os problemas, constantes nos discursos dos professores de escola pública. Dentre eles estão as salas lotadas, carga horária baixa, desvalorização da disciplina, falta de material didático, dentre outros. Jorge (2009) levanta que uma das principais reclamações do professor de inglês é quanto à carga horária dada à disciplina, isto porque fazemos parte de uma cultura escolar que vê a língua inglesa como conteúdo de pouca importância para os alunos.

O que é uma preocupação, pois a língua inglesa tem igual importância à de qualquer outra disciplina na vida dos alunos, visto que, o cidadão crítico-reflexivo é aquele que se defende através de vários tipos de conhecimento, não específico de língua portuguesa, matemática, etc.

Miccoli ressalta as várias dificuldades encontradas na realidade escolar pelo professor de língua inglesa:

Os PCNs reconhecem haver desafios a superar no ensino de línguas estrangeiras em função da diversidade de condições de ensino existentes no Brasil. Turmas grandes, carga horária reduzida e professores nem sempre qualificados parece ser o denominador comum quando se lê a bibliografia e quando professores relatam suas experiências. (MICCOLI, 2011, pág. 179).

Nesse sentido, cada vez mais professores já entram na escola pública com a ideia de que nada vai dar certo e de que ele não é capaz de fazer nada para que a mudança ocorra. E assim, infelizmente, nada muda mesmo. O que os professores têm que ter em mente é que se ninguém fizer nada para mudar e ficar só nas reclamações, colocando a responsabilidade no sistema, nos alunos, enfim, em todos menos em si mesmo, o ensino nas escolas públicas continuará da mesma forma que está.

Pensando nesses aspectos, desenvolvemos um projeto que se aproxima da realidade dos alunos, não só para nos vincularmos a eles, mas também, para chamar atenção e interesse para assuntos com os quais eles lidam todos os dias ou terão de lidar.

Com relação ao ensino de LE nas escolas públicas Jorge (2009) assevera: “Gosto de ressaltar as possibilidades da educação plena do indivíduo, que podem ser propiciadas e potencializadas pelo contato com a LE. Assim, defendo a priorização do ensino da língua por seu caráter educativo.” (JORGE, 2009, p. 163). De acordo com a autora, a importância do



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

inglês vai muito além dos usos, por se tratar de uma língua internacional. A língua tem caráter educativo, isto é, através dela os alunos podem aprender coisas para a vida assim como em qualquer outra disciplina, aí está sua verdadeira importância.

O nosso principal objetivo em relação ao desenvolvimento desse projeto, é que os alunos não somente aprendam a língua inglesa, mas também possam acionar o senso crítico, independente da disciplina. Dessa forma serão cidadãos capazes de se posicionar em qualquer situação, seres capazes de exigir seus direitos em sociedade.

Poderíamos simplesmente dizer que o problema em relação ao inglês é que o ensino de língua estrangeira não tem funcionado em escolas públicas, mas ao invés disso partimos para o viés de que o problema não está no ensino, está na forma como os conteúdos são apresentados a esses alunos.

“Eles não querem aprender”, “Eles não têm interesse”, dizem os professores. No entanto, outra possibilidade de interpretação, está na compreensão de que os jovens que frequentam a escola, por sua condição juvenil, têm resistido de maneiras diferentes a qualquer proposta de educação que não lhes pareça adequada a suas realidades. (JORGE, 2009, p. 165).

Refletindo sobre isto é que optamos por um planejamento mais próximo da realidade dos alunos. Algo que lhes chame a atenção, lhes mostre na prática que a língua inglesa é para eles, sim, ao seu alcance e que todos podem aprendê-la. É dever do professor não só ensinar conteúdos, e sim a como lidar no mundo do lado de fora da escola, essa tem a responsabilidade e missão de preparar seus alunos para a vida em sociedade, para que os mesmos não se submetam a qualquer regra que lhes imponham, “no caso do ensino de segunda língua ou de língua estrangeira, pode-se escolher entre ensinar apenas a língua ou educar para a vida; entre abordar conteúdos triviais, como a previsão do tempo, ou temas que possam contribuir para a construção de um mundo menos desigual.” (PESSOA, BORELLI, 2011, p. 12). Daí a preferência por trabalhar temas críticos, assuntos que estão, de alguma forma, presentes na realidade dos alunos.

Sabemos da importância de ensinar uma segunda língua, mas sabemos também da nossa missão de conscientizar esses alunos quanto à diferença que faz ser capaz de usar uma segunda língua, mas também de que todos nós devemos respeitar as diferenças que estão ao nosso redor. “A promessa que uma abordagem crítica deve cumprir é contribuir para a construção de um mundo social no qual todas as pessoas, independente da língua, etnia, cor



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

ou classe, tenham vozes, acesso e possibilidades iguais” (HAWKINGS; NORTON, 2009, p. 8 apud SILVA; DANIEL; KANEKO-MARQUES; SALOMÃO, 2011 p.35).

Trabalhando com temas críticos não ignoramos a nossa realidade, e sim, saímos da zona de “transmissor de conhecimento” para a função de troca de conhecimentos. Como afirma Miccoli,

“Fundamentando-nos na perspectiva professor-mediador-parceiro, valorizamos, por exemplo, o trabalho em par mediante o uso das atividades que permitem aos alunos recorrer a conhecimentos prévios, basear-se em suas experiências pessoais para que possam vivenciar o desafio de formular e defender seus pontos de vista porque o conhecimento é produto de um empreendimento coletivo.” (MICCOLI, 2013, p.104).

Dessa forma, além de os alunos interagirem há uma troca de saberes entre professor-aluno e aluno-aluno. O que só acrescenta, pois cada um troca experiências e adquire um novo conhecimento.

Refletindo sobre ensino crítico e analisando a realidade da educação é que desenvolvemos um projeto no qual o aluno se sinta a vontade e não oprimido por uma língua estrangeira. Pois, acreditamos que dessa forma não mudaremos ideias prontas, opiniões formadas, e sim mostraremos que é possível conviver com as diferenças e que o respeito deve vir sempre à frente de nossas ações. Por uma educação melhor, é necessário que professor e aluno falem a mesma língua, que se sintam inseridos em um só contexto, que entendamos que somos todos iguais.

### Percurso metodológico

Nossa regência deu-se nas oficinas, no mesmo contexto do PIBID de 2015, e tiveram como temática as diferenças sociais e culturais dos indivíduos diante do que é considerado tradicional/normal, ou seja, o que é socialmente aceito e amplamente divulgado como “normal”. Para o desenvolvimento dessas oficinas, foram realizadas leituras teóricas que embasaram nossas práticas, bem como, nossas reflexões acerca do conteúdo ministrado. Os planejamentos foram desenvolvidos colaborativamente.

As oficinas foram ministradas nas quartas-feiras, no período vespertino, sendo que, eram trabalhados o mesmo conteúdo em duas turmas remanejadas com alunos do 6º, 7º, 8º e 9º ano. Após as oficinas, fizemos o *feedback*, acerca das metodologias, das abordagens, dos



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

recursos e do aproveitamento dos alunos, o que nos possibilitava melhor adequação em cada planejamento.

Nas oficinas dos dias 8 e 15 de abril trabalhamos com o tema: *What's Normal for you?*, com o objetivo de propor aos alunos uma reflexão sobre o que é normal para eles. No dia 8 de Abril, a aula foi iniciada com a pergunta: *What's Normal for you?*, em seguida foram entregues aos alunos cartões com imagens de pessoas com estilos, culturas e religiões variadas. Na sequência levantamos o seguinte questionamento: *What's your impression about it?*, para a qual os alunos deveriam utilizar a estrutura: *I think that...* para se expressarem. No momento em que os alunos expunham suas impressões acerca das imagens, problematizávamos temas críticos dentro do assunto proposto. De acordo com Ellsworth (1989 apud Contreras, 2002) todo conhecimento é parcial e, por isso, deve ser problematizado. É essa problematização que permite a crítica e, ao mesmo tempo o reconhecimento de que nosso saber não é único e pode oprimir os outros. E assim finalizamos a oficina e solicitamos que os alunos observassem no seu cotidiano algumas atitudes preconceituosas em relação às diferenças.

No dia 15 de Abril, iniciamos com os comentários que os alunos fizeram acerca do que eles observaram durante a semana. Na sequência apresentamos o vídeo: *Love has no Labels*. A discussão sobre esse vídeo abordava não somente assuntos sobre sexualidade ou raça. Foi enfatizado que o amor deve estar acima de tudo. No decorrer das discussões pudemos perceber que o discurso/posicionamento dos alunos era influenciado pelas questões culturais/religiosas adotadas pela família. Encerramos essa oficina com a produção de cartazes em que os alunos utilizaram recortes de revistas completando a sentença: *Love has no... labels/race/religion/disability/age/gender*. As produções foram expostas em um mural. Ao trabalharmos as oficinas com a primeira turma vislumbrávamos melhor adaptação para a próxima turma, visando um melhor empenho dos alunos e aproveitamento do tempo.

Nos dias 22 e 29 de Abril, ainda trabalhamos com a mesma temática: *What's Normal for you?* agora voltado para o tema *Family*, com o objetivo de refletir e problematizar sobre a *traditional* e *modern Family*. No dia 22 iniciamos com a seguinte indagação: *Do you think your Family is traditional or modern? Why?* Os alunos puderam se expressar livremente sempre sob a nossa orientação. Logo após os alunos assistiram ao documentário: *Kids of gay parents speak out*, o que proporcionou uma discussão muito produtiva sobre o real contexto



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

da sociedade de modo geral, e aquisição de vocabulário. No dia 29 produziram cartazes que retratavam os tipos diferentes de família existentes na sociedade (*traditiona/gay Family; lesbian Family; family with adopted children; couple with pets, etc*). Os alunos socializaram suas produções que posteriormente foram expostas no mural da escola. Finalizamos com o questionário que é aplicado ao final de cada temática.

Todas as atividades foram trabalhadas colaborativamente entre os alunos sob nossa orientação. Sempre que possível propomos reflexões acerca de temas críticos com o intuito de que os alunos percebessem a importância do respeito ao próximo, bem como as diferenças. Nossa ação orientou-se de acordo com a perspectiva crítica de ensino, ensino colaborativo e professor reflexivo.

### Resultados e Discussão

Ao concluirmos as oficinas temáticas, aplicamos um questionário final<sup>1</sup> com o intuito de verificar nossa atuação e a percepção dos alunos em relação ao ensino de língua inglesa, relevância das oficinas na aprendizagem dos alunos e reflexão crítica dos mesmos.

Dentre as respostas que obtivemos foi possível constatar que os alunos têm uma visão positiva quanto às atividades diferenciadas e trabalhadas colaborativamente.

Muito legal, porque as professoras passam tarefas criativas.  
Bem legal, sempre gostei. É bom misturar os alunos de salas diferentes.  
Eu me senti muito bem com as aulas, eu gostei mais das tarefas.  
Respeitar as diferenças das pessoas e das famílias... Aprendi vocabulário e trabalhar em equipe.  
Sim. Porque você brincando e interagindo você aprende muito mais.  
Eu achei muito bom, porque melhora ainda mais meu aprendizado na língua inglesa.  
Eu achei muito bom, porque a gente aprende muita coisa.  
Eu achei muito legal, pois eu aprendi que tem famílias de todo jeito, como por exemplo, mulher com mulher criando filhos, negros criando filhos brancos, tem homossexuais com filhos...  
Eu me senti uma pessoa diferente e que eu aprendi que não posso criticar os outros pela aparência das famílias modernas.

---

1 O questionário continha perguntas como: O que você achou das oficinas? Por quê? Como você se sentiu durante as aulas da oficina? Do que você mais gostou? Enumere cinco itens que você aprendeu durante as oficinas, com relação a respeitar as diferenças; Levando em consideração as oficinas, você acha que é possível aprender a língua inglesa? Justifique sua resposta.



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Que você pode ser do jeito que quiser; as pessoas têm que respeitar o próximo; pode existir família diferente.

Respeitar pessoas especiais, com tatuagem, respeitar a cor e a raça dos outros.

Que cada pessoa tem o seu gosto.

Aceitar o mundo do jeito que ele é, e amar o próximo.

Sim. Pois o PIBID me ajudou nas aulas do matutino e se você prestar atenção você aprende e entende.

Sim. Se a pessoa tiver vontade de aprender ela pode ir mais além do que o inglês

Uma forma interessante de tornar o ambiente escolar favorável à aprendizagem é promover trabalhos colaborativos. A aprendizagem colaborativa, segundo Figueiredo (2006, p. 12), “é uma abordagem construtivista, que se refere, a situações educacionais em que duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender juntas, [...]”. Assim, o professor pode direcionar o estudo e os alunos desenvolverem sua própria aprendizagem com o professor mediando e facilitando esse processo.

Na concepção de Freire (1982, apud FIGUEIREDO 2012, p. 58),

O conhecimento é construído colaborativamente na relação entre educador e educando e que ambos devem tomar consciência da situação em que vivem para que a escola se torne um espaço de constante questionamento e, portanto, de transformação da realidade.

Entende-se que o ambiente escolar deve levar o aluno a pensar no mundo como ele é, com problemas, desigualdades, injustiças sociais e outros. Todo conhecimento é parcial, e isso deve ser problematizado.

Os dados revelaram que os alunos percebem a importância do aprendizado de língua inglesa, ressaltando a relevância do aprimoramento dos conhecimentos da língua inglesa, bem como dos temas abordados, além de revelarem que se sentem à vontade durante as aulas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os resultados dos questionários respondidos pelos alunos/as na última da oficina, pudemos concluir que todo trabalho desenvolvido foi positivo. Em cada atividade, que ministramos na sala de aula, notamos que os alunos se envolveram de forma significativa, contribuindo para o bom resultado do nosso trabalho. Por mais que uma turma se difere da



## Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

outra, com receptividade ou interesse conseguimos alcançar nosso objetivo realizando todas as atividades propostas no projeto.

Diante das observações feitas em cada aula, chegamos à conclusão que conseguimos com sucesso despertar o interesse da maioria dos alunos pela aprendizagem da Língua Inglesa.

Assim, nossas expectativas relacionadas ao contato com os alunos e o objetivo em contribuir para o conhecimento dos mesmos, aumentou significativamente de maneira enriquecedora em cada aula ministrada. Permitindo assim, uma melhor compreensão da realidade do ensino, das limitações que cada professor e cada aluno enfrentam no dia a dia em sala de aula.

Embora saibamos que essa é apenas mais uma etapa concluída, nos sentimos felizes, na realização do estágio, juntamente com nossa regência.

### REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma (Org.). Formação de Professores de Línguas Estrangeiras: Princípios e Práticas. 1. ed. Goiânia: Editora da UFG, 2002. v. 1.

JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de Lima (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009, p. 161-168.

MICCOLI, Laura. Aproximando teoria e prática para professores de línguas estrangeiras. 1 ed. – Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

\_\_\_\_\_. Aproximando teoria e prática para professores de línguas estrangeiras. 1 ed. – Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.b.

MICCOLI, L. O ensino na escola pública pode funcionar, desde que... In: LIMA, D. C. de. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 171-184.

PESSOA, R. R.; BORELLI, J. D. V. P. Reflexão crítica e colaborativa na formação do professor de língua estrangeira. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Reflexão e crítica na formação de professores de língua estrangeira**. Goiânia: Editora UFG, 2011. p. 59-80.



## **Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL**

SILVA, Kleber Aparecido da. – DANIEL, Fátima de Gênova – KANEKO-MARQUES, Sandra Mari – SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. A Formação de professores de línguas: novos olhares – volume I. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2011.